

# LEITURAS DO PARATEXTO NA OBRA DE AUTA DE SOUZA: ASPECTOS DO FEMININO NA CONDIÇÃO DA MULHER OITOCENTISTA

Benício Mackson Duarte Araújo (UERN)  
beniciomackson@hotmail.com

Wellington Medeiros de Araújo (UERN)  
w.medeiros69@yahoo.com.br

## Introdução

Situados no contexto sociocultural do século XIX, podemos perceber a extrema submissão da figura feminina que, menosprezada por uma sociedade preconceituosa e machista, era resguardada em uma “estufa”, instruída somente a ser um “anjo de lar”, em que “ele [o lar] é a totalidade suficiente, ela é a parte insuficiente” (Suárez, 1997, p. 31). De mesmo modo, como processos sociais e formas literárias compõem a face da dialética, a época demonstra que a mulher era tolerada, e não realmente respeitada (ou compreendida) como escritora. A crítica, quando se debruçava sobre os livros de mulheres, o fazia “com luvas de pelica”, não estudando o livro como literatura, mas vendo atrás dele o fantasma de uma mulher (MUZART, 1990, p. 65).

Nesse contexto determinadamente masculino, nasce e vive a escritora Auta de Souza, poetisa norte-rio-grandense, mulher oitocentista transformada num “mito por intelectuais e estudiosos da sua vida e obra, que lhe alçaram à condição de mulher modelo, caracterizada como a moça religiosa que, sendo tuberculosa, sofreu até o limite de suas forças, mas que deixou um livro que a eternizou” (FARIAS, 2013, p. 3)

“Horto”, publicado no ano de 1900, foi a única obra da autora do Rio Grande do Norte, que em sua poesia ágape, percorre os lugares mais íntimos e confusos do “eu”, trazendo à tona alegrias, emoções, saudades, pesar... melancolia. Essa singular produção ganhou grandes horizontes, fluindo pelas dualidades das camadas sociais de outrora: cantados pelos sertanejos como salmos e benditos, ao mesmo instante em que constituiu leituras de renomados escritores e estudiosos como Olavo Bilac e Alceu Amoroso Lima, autores dos prefácios da primeira e da terceira edição do livro.

Os versos contidos na coletânea de poemas, datados do final do século XVIII, são repletos de sentimentos indissolúveis da biografia da autora, essa nova modalidade de escrita se estabelecia no campo literário e foi recepcionada com olhar menos avivado da crítica, fato percebido, por sua vez, nas entrelinhas dos paratextos da obra.

Diante desta apresentação, almejou-se refletir, no presente trabalho, as implicações da escrita paratextual realizada pelo crivo masculino em uma obra de autoria feminina, considerando os efeitos ideológicos e sociais que contornaram a época das produções, como a problemática do gênero. Para tanto, baseamo-nos em Cascudo (1961), Muzart (1990), Aguiar (1997) e Suárez (1998) que discutem o papel do feminino na escrita literária.

Com isso, imbuídos da discussão de gênero, percebemos nas leituras paratextuais da obra “Horto” de Auta de Souza que, apesar de pequenas diferenças de pontos de vista na concepção do fazer literário entre os autores Olavo Bilac, parnasianista, e Alceu Amoroso Lima, simbolista, ambos estão intimamente convergindo devido ao forte apelo cristão e cívico, onde comungam dos dizeres patriarcais em relação à poetisa potiguar e à escrita feminina. Do elo

estabelecido por essa tríade, pode-se depreender uma convergência com a didática no ensino de literatura, uma vez que colocadas lado a lado, como no “Horto”, quebram a divergência de épocas e estilos, fazendo-nos refletir acerca da escrita, posição e circunstâncias de produção do texto literário como um todo organizado e coeso.

## **1. Auta de Souza: menina, mulher e paradigma**

Como sabemos, a vida das mulheres do século XIX girava em torno da constituição do lar. A subalternidade ao homem colocava-as em meio à fragilidade e, conseqüentemente, a uma série de privações acarretadas por valores sociais e patriarcais. O lar, único caminho a ser trilhado pelos passos femininos, é um bom exemplo de uma estufa, onde a mulher não podia escapar do mando masculino e tampouco das obrigações domésticas. Aguiar (1997, p. 172 apud WEBER, 1978) explica a situação da submissão feminina no contexto patriarcal:

O controle sobre as mulheres é semelhante ao exercido sobre os animais, quando os direitos do senhor se estendem sobre todos os filhos tidos, dependendo exclusivamente de seu reconhecimento para que possam ser por ele sustentados. A relação de dependência parece ser atribuída pelo autor à natureza, quando enumera a superior força física e inteligência dos homens, em comparação com as características das mulheres. Entretanto, de fato, o padrão de dominação se deriva do controle social que o pai exerce sobre a reprodução.

Esse controle patriarcal separava homens de mulheres mediante conceitos culturais, em que o homem, detentor de inteligência e de força física, sobressaía diante da estipulada delicadeza e fragilidade feminina. Submissa, a mulher era “adestrada” para satisfazer a vontade alheia, que em primórdios visava a multiplicação do sobrenome da família e colocava a figura feminina em situação de passividade, como também, destinava-a ao processo de reprodução, em que, a grossa voz masculina se sobressaía ao frágil silêncio feminino.

Como a responsabilidade de sustentar a família e cuidar da questão econômica se destinava ao homem, a mulher se encontrava em extrema forma de subalternidade e presa por “alças” sociais, uma vez que não tinha artifícios, e tampouco meios, para se tornar detentora de sua própria voz. Muzart (1990, p. 64) assim apresenta a mulher do século XIX:

A vida das mulheres no século XIX girava, segundo os homens, em torno ao lar, filhos, festas, moda, igreja, os próprios homens. O que fazia uma mulher ser mulher? A beleza, o encanto, a graça, a timidez eram as principais características do feminino.

A estudiosa mostra ainda que a vida da mulher oitocentista se dava em torno do homem, na verdade, moldada em um padrão estipulado socialmente, em que quanto mais quieta, tímida e calada, mais atraente se caracterizava a mulher. O casamento então se caracteriza no prestígio social feminino e para alcançar tal feito a mulher deveria ser imbuída do encanto e do silêncio, em que na falta da voz, e no abandono de si próprio, se entregava por inteiro de modo a se tornar propriedade do esposo.

Nesse contexto sociocultural, em 12 de setembro de 1876, que nasce Auta de Souza no estado do Rio Grande do Norte, mais precisamente na cidade de Macaíba. Filha de comerciante de posses e de dona de casa, é a única filha entre os quatro filhos do casal. “O nascimento de Auta encantou a todos. Interrompia a série dos três meninos. Era a ‘princesinha’, a favorita dos pais e avós”. (CASCUDO, 1961, p. 33).

Ainda na infância, Auta perde os pais e vai morar, juntamente com seus irmãos, em Recife / PE, onde são criados pelos avós maternos. Apesar de analfabeta, a avó dos cinco órfãos consegue oferecer educação e instrução aos seus netos, inclusive à pequena Auta, que desde cedo tem contato com os livros dos irmãos e, mais tarde, é matriculada no Colégio São Vicente de Paula. Gomes (2003, p. 02) articula que:

A educação que a menina recebeu nesse Colégio tem sido constantemente aludida por comentadores seus como um aspecto especialmente enaltecido em sua formação intelectual. No entanto, pesquisas sobre colégios femininos católicos da época revelam que enquanto ao rapaz era dada uma educação voltada para o intelecto, para as moças a educação primava basicamente pela moralização de seu caráter nos moldes cristãos, acentuando o mero lustro para o convívio social exigido para uma senhora burguesa, tendo em vista um modelo formador de esposa e mãe.

Nisto, pode-se notar uma base de formação diferenciada, enquanto os homens estudavam disciplinas de raciocínio lógico, com foco no desenvolvimento intelectual, as mulheres, de uma elite prestigiada, recebiam instruções, apenas, direcionadas para a moral e para um modelo estipulado socialmente de mãe e mulher, “anjo do lar”, que com formação para o casamento, se tornavam mulheres competentes para a vida a dois baseada em moldes cristãos e patriarcais.

Inserida nessa complexa teia de processos sociais, Auta teve a oportunidade de ter estudo avançado e consolidado em relação às demais mulheres de sua época, uma vez que “com sete anos, lia e escrevia. O professor foi Manoel Vitoriano, grande, vistoso, barba branca e bem cuidada...” (CASCUDO, 1961, p. 36). Com esse amparo educacional desde criança, Auta consegue nítido destaque intelectual, moral e religioso, o que dá à futura poetisa o ingresso para entrada no Colégio São Vicente de Paula, almejado por muitas moças do século XIX, uma vez que:

A União Pia das Filhas de Maria funcionava como um estímulo adicional para que as estudantes buscassem o virtuosismo nesses colégios. Só podiam integrá-la aquelas meninas que fossem consideradas merecedoras por sua conduta exemplar, devoção e fé reconhecidas. As alunas, querendo participar da Pia União, na condição de filhas de Maria, competiam em devoção, piedade, espírito de mortificação e adesão irrestrita aos preceitos doutrinários do catolicismo da época. (GOMES, 2003, p. 03)

Ao mesmo tempo em que Auta estudava para “ser mulher”, “ganhava destaque dentro do Colégio como primeira aluna, ganhadora de quase todos os prêmios escolares. Rapidamente assenhoreou-se do idioma francês, falando fluentemente, escrevendo versos e lendo” (CASCUDO, 1961, p. 38). Enquanto isso, seus irmãos, homens, ingressavam na carreira acadêmica, ganhavam respeito social e assumiam cargos de chefia no município e no estado.

Dotados de posses, possuíam bibliotecas de “peso”, as quais tiveram Auta como frequentadora assídua.

Completamente diferente dos irmãos, Auta passava por formação teológica e educacional voltada para os moldes católicos que preparavam as jovens oitocentistas para o casamento e para uma posição de submissão social, em que no sofrimento se encontrava a única penitência da culpa de “ser mulher”. Gomes (2003, p. 03) articula que:

O modelo católico ocidental da época preparava as moças católicas para a morte, identificando-a com os sofrimentos do Cristo. Jesus fez o papel daquele a quem as mulheres católicas deveriam adorar sem limites por sua cruz, pela remissão do pecado original. Pecado no qual Eva foi o emblema de uma pretensa natureza feminina rebelde, que, por sua dita fraqueza - deixar-se enganar pela serpente -, passou à representação estigmatizada da mulher, daquela que se deixou tentar por Satanás. A mulher, então ressignificada como anjo decaído, teria na pureza da Virgem Maria um modelo a ser seguido por todas as mulheres que quisessem permanecer com Deus. Foi assim que, em todo o Ocidente, a cultura católica valorizou o papel materno e teve na maternidade da Virgem o expurgo do pecado de Eva.

A mulher oitocentista achava-se destinada a viver de forma submissa esse caráter doutrinário e conservador que estava a ser imposto nas jovens com promessas de acesso e inclusão da mulher no ensino, quando na verdade se adestravam as futuras mães para criação de uma sociedade que propagaria a submissão de classes e instruiria os homens cultos a propagarem o nome da nação, como também o sofrimento e o martírio feminino, em que a mulher estava pronta, posta e moldada à viver silenciosamente o “peso da cruz”, identificada por meio da imitação de Cristo, e nessa redoma do sofrimento, está de “braços abertos para o apedrejamento social”, forma de punição por ser desprovida do sexo masculino.

A única forma de bem aventurança, nessa perspectiva, poderia se dar através do exemplo da virgem Maria, mulher a quem Deus confiou o seu filho e que, com lealdade e escravidão, assumiu a qualidade de mãe de Jesus. Assim, a maternidade seria o dom, autêntico e abençoado exclusivamente à mulher, portadora da graça geradora da vida. Com isso, as oitocentistas tinham dois caminhos a serem trilhados na ótica social: o casamento, estado em que a mulher seria procriadora de famílias e catequista primária da igreja, ou a ascensão religiosa, que se colocava como esposa de Cristo, destinada à imitação do sofrimento e pesar do redentor.

Em certo instante de sua vida, Auta foi diagnosticada com tuberculose, sendo afastada do colégio, do noivo, o qual, com poucos dias, falece vítima da referida doença, e da vida que mantinha em geral. A pequena menina então não se cansa dos estudos e se torna autodidata, iniciando sua vida pública como poetisa, recitando seus versos nos clubes de festas e publicando-os nos principais jornais do estado, mostrando o seu diferencial em relação às mulheres de sua época.

## **2. Os paratextos do livro “Horto” e sua importância no ensino da literatura**

O livro “Horto” é originário do manuscrito “Dhális”, formado pelo conjunto de poemas escritos por Auta de Souza, que em meados dos anos de 1890 se encontrava enferma, pois, como dito, tinha recebido o diagnóstico de tísica, doença incurável, que na época, devido à penicilina ainda não ter sido desenvolvida, foi considerada o mal do século.

A poesia da jovem Auta, lânguida e tomada de lamentos, apossa-se de metáforas como a da noite, indicada por sofreguidão, pela ausência de luz que atravessa seus versos. Aí encontra, talvez, seu mais profundo significado: de busca das camadas mais obscuras da alma e da convivência com o outro, revelando assim, o mistério e o encantamento do que está no anonimato da escuridão, lugar propício para o oculto e repercussão alegórica do pesar.

Os versos mostram os sentimentos e as vivências da autora, dedicados a amigos e a parentes como forma de presente e carinho. Tais versos evocavam imagens de crianças à natureza, de elementos místicos aos pesares vivenciados, em que traziam enfatizados seus entrequeridos falecidos.

Como a tuberculose representava o portal de entrada para o óbito, os poemas do “Dhálías” podiam ser vistos como forma de eternizar a autora, e se bem sucedidos, propagar, mais ainda, o nome da família, que já era conhecida na época pelo *status* político e intelectual. Os irmãos Castriciano resolveram transformar a coleção de poemas no livro “Horto”, tendo o prefácio escrito por Olavo Bilac, poeta na época reconhecido nacionalmente por suas publicações e teorias de civismo fundado na religião e na moral da boa conduta. O autor foi indicado por Henrique Castriciano, o primogênito da família, a prefaciá-la obra de Auta de Souza.

Olavo Bilac denominou-se patriota ao viver em prol da nação, proclamava-se como homem cívico, declarando aos quatro ventos seu amor ao país “a luz de valores imutáveis e eternos, projetados pelo dinamismo cívico de quem a si mesmo se qualificou de ‘professor de entusiasmo’” (LOPES, 1968, p.14).

Bilac, prezador da moral, com gênese em Deus e na bandeira, tendo seus valores religiosos e patriotas popularizados, atendia aos objetivos dos irmãos Castriciano e Souza para prefaciá-lo “Horto”, uma vez que a fama do literato parnasiano impulsionaria a da oitocentista e seu livro, publicado em 1900, e que teve rápido esgotamento em sua primeira edição.

A posição assumida por Olavo Bilac, à época mais famoso poeta brasileiro, diante da obra da poetisa potiguar muito influenciou a repercussão dos escritos, que se expandiram para além das fronteiras do Rio Grande do Norte, onde os versos já tinham ganhado o respeito e admiração popular, sendo publicados em jornais, musicalizados pelos modinheiros e incluídos entre os hinos da igreja católica, que comoviam os fiéis (GURGEL, 2003, p. 13).

As recomendações do “príncipe dos poetas” certamente valorizaram a obra, apesar de sua filiação literária caracterizada pela objetividade não levou em conta os aspectos subjetivos evocados nos poemas da norte-rio-grandense. O poeta comungava com Auta de Souza da religiosidade e da posição cristã. A divergência de estilos foi atribuída ao fato da escrita feminina assim ser caracterizada: “Não há nas estrofes do ‘Horto’ o labor pertinaz de um artista” (BILAC in *Horto*).

A inserção do poeta parnasiano no livro foi possível pela posição social desempenhada pela família Castriciano e Silva, que vendo no autor a representação da voz poética brasileira, arquitetou sua participação no “Horto”, trazendo assim, com o prefácio, maior notoriedade e credibilidade à escrita de uma moça negra, tuberculosa e descendente de escravos.

O prefácio da primeira edição do “Horto” (1900) foi criticado pelo maior biógrafo de Auta de Souza e um dos nomes mais representativos entre os intelectuais do Rio Grande do Norte, Luís da Câmara Cascudo. Cascudo (1961, p. 16) articula que o livro “Horto” foi “publicado na cidade do Natal em 1900, impresso em tipografia de um jornal da terra e com prefácio de Olavo Bilac, o mais inútil de todos os prefácios que o poeta escreveu”.

Conforme o autor, o prefácio do livro “Horto” foi um prefácio “inútil”, que não esteve à altura do livro e/ou por não enfatizar com suas próprias palavras os reais significados da obra, uma vez que utilizou os próprios poemas de Auta para a construção do prefácio do livro e uns poucos comentários: “E o encontrar entre os livros de versos (tantos, Santo Deus) que por aí se publicam, um livro como este de uma tão simples e ingênua sinceridade é coisa que surpreende

e encanta” (BILAC in *Horto*). O que se pode notar, hoje, no contexto de discussões de gênero, é que a escrita de Bilac deu ao “Horto” o teor de masculinidade, exigido nos moldes literários da época responsáveis pela difusão da obra.

Como poeta consagrado e que zelava pela moral e pela forma, podem-se contestar os reais motivos que levaram Olavo Bilac a escrever o prefácio do “Horto”, uma vez que a obra de Auta não seguia os padrões literários da época, nem em sua poesia e tampouco na submissão feminina estipulada pela sociedade oitocentista.

Pode-se perceber na escrita de Bilac vários adjetivos utilizados para caracterizar a escrita feminina como “simples, ingênua” em primeiro plano limitando a produção poética da autora e, ao mesmo tempo, caracterizados com o espanto da qualidade dos versos apresentados por adjetivos como “surpreendente, encantador”. Muzart, ao desenvolver estudos acerca dos prefácios escritos por mulheres oitocentistas, articula que:

Nos prefácios estudados, a maior preocupação não é com a elaboração de um prefácio ficcional como os belos prefácios de Alencar [...] Nos prefácios femininos, transparece o peso da "culpa" (?) e o medo de ser repudiada, ou de ser ignorada, compondo um estranho jogo. Decorrendo desses sentimentos escondidos, uma humildade ou modéstia meio forjadas e, muitas vezes, exageradíssimas. Embora as fórmulas de humildade sejam usadas desde a Antiguidade, nas mulheres são às vezes tão acentuadas, tão repetidas, que se torna evidente haver outra coisa atrás das palavras. (MUZART, 1990, p.65)

Os prefácios femininos já acarretam a “culpa” de uma mulher que se destinava a escrever, ato considerado na época exclusivamente masculino, e são nesses prefácios que muitas escritoras pediam uma atenção especial na leitura do livro, simplesmente pelo fato de ser escrito por uma mulher.

No caso Auta de Souza, não é a própria autora que escreve o prefácio de sua obra, mas homens renomados que se comportam dentro de moldes cristãos e cívicos e ocupam as primeiras páginas do livro. É visto que Olavo Bilac transparece a relação da culpa da escrita feminina, ao elencar os adjetivos citados, caracterizando a obra dentro do olhar literário da época em torno da escrita desenvolvida por mulheres: “**simples, ingênua, surpreendente e encantadora**”. [grifo nosso]

Podemos perceber, ainda, o ar irônico sobre a obra de Auta de Souza por parte de Bilac, que deixa encoberto por alguns elogios, como a expressão; “...*tantos Santo Deus!*”, o que nos leva a entender como uma marca de exagero, ou seja, “para que tanto exagero, que por aí se publicam um livro surpreende como este” e utiliza uma expressão de encantamento (encanta), porém na sequência, argumenta “*Não há nas estrofes do ‘Horto’ o labor pertinaz de um artista*” (BILAC in *Horto*), o que coloca em questão a competência da autora e nos leva a refletirmos sobre a figura machista de Bilac, uma vez que ele ostentava um caráter moral e imutável, contrário ao liberalismo, uma figura, a qual de certa forma Auta representava, visto que ela contrapõe os moldes exigidos para a figura da mulher na época, segundo aponta Cascudo:

Auta fez a escolha definitiva dos poemas e remeteu o original do “Horto”, às mãos do irmão Eloy, agora residente no Rio de Janeiro, desde 1897, Deputado Federal. Olavo Bilac faria também o prefácio do “Horto”, a indicação mais desnordeante entre os dois temperamentos. Auta apenas aceitou a sugestão insistente do irmão Henrique. Eloy de Souza foi o portador cuidadoso para Bilac de quem era amigo pessoal. (CASCUDO, 1961, p. 73).

Como indica Cascudo, a principal causa que levou Olavo Bilac a redigir o primeiro prefácio de *Horto*, além de sua posição social, foi a relação de amizade com os irmãos Castriciano, que eram notoriamente conhecidos por exercerem importantes cargos na política, e que já tinham textos prefaciados pelo poeta cívico, o que significa dizer que eles já reconheciam o peso da assinatura de Bilac, a qual predominou sobre a vontade de Auta, uma vez que só foi concordado após muita insistência. Ainda segundo Cascudo (1961), as ideologias dos dois autores eram muito distintas.

A terceira edição de *Horto*, datada de 1936, 35 anos após a morte da autora, teve o seu prefácio escrito por outro ilustre nome das letras nacionais, Alceu Amoroso Lima. Além dos poemas publicados nas duas edições anteriores, esta continha poemas inéditos de Auta de Souza.

Alceu Amoroso Lima foi um grande intelectual do século XX, algumas de suas principais características foram as marcas da fé e do catolicismo presente em suas obras. Daí a propriedade para prefaciá-lo *Horto*, uma vez que a poesia de Auta tinha ganhado repercussão nos espaços religiosos e populares.

No prefácio da terceira edição, pode-se perceber a valorização espiritual da autora, onde as dores vividas teriam sido o ponto chave para o desenvolvimento lírico dos poemas. Acarretada explicitamente por uma carga de melancolia e de pesar, a religiosidade aqui, seria definida, segundo Alceu, Auta de Souza “como a mais alta expressão do nosso misticismo, pelo menos, do sentimento cristão, puramente cristão, na poesia brasileira” (LIMA in *Horto*).

Assim, pode-se dizer que os prefácios do livro “Horto” caracterizam uma escrita feminina segundo moldes socioculturais, em que o ser feminino representa a “inferioridade” na literatura brasileira, pelo menos do século XIX. Alceu Amoroso diz que “Auta de Souza não pertence nem a uma escola nem a um momento literário. Filiada, por natureza, à corrente das letras femininas em nosso país” (LIMA in *Horto*). Assim, uma das possíveis abordagens dessa fala é a de que as correntes literárias da época não viam a capacidade artística da escrita das mulheres e insistiam em classificá-las dentro de estufas, separando-as da produção literária masculina, mais geral.

Também vemos as fortes influências do catolicismo sobre as produções literárias da época, uma vez que em ambos os autores dos prefácios assumem-se fortes características religiosas e patriarcais, o que também pode ser depreendido da própria autora.

Enquanto Olavo Bilac, em 1900, se limita a rápidos comentários sobre o livro, Alceu Amoroso se debruça sobre a escrita de Auta de Souza e comunga do lirismo da autora, agora vista como uma poesia propriamente mística e religiosa, porém aprisionada às crenças patriarcais. Apesar da divergência de épocas e características literárias, os escritores dos prefácios do livro “Horto” comungam da mesma ideia em relação à escrita feminina oitocentista, em que a mulher não é vista propriamente como escritora e sua produção é classificada diferentemente da escrita masculina, determinando, desse modo, problemas concernentes aos fatores de gênero transubstanciados nas entrelinhas dos paratextos da obra de Auta de Souza.

Diante dessas leituras preliminares à obra literária, somos chamados a refletir, também, acerca das abordagens do texto literário por leitores não tão experientes e ou proficientes, o que demanda leitura equivocadas e uma perpetuação de problemas contextuais na realização do que vier a ser o cânone na cultura de um país. Portanto, na abordagem ou no ensino e aprendizagem dos textos literários, que são de suma importância ao enaltecimento da condição humana para a construção da identidade e memória coletiva, faz-se mister lançar um olhar crítico acerca da organização dos textos e sua inclusão nos sistemas de ensino, uma vez que muitos autores são

excluídas dos livros didáticos e das discussões em sala de aula, principalmente se não inseridos na hegemonia política da nação, como é o caso de uma literatura do Rio Grande do Norte.

Uma literatura potiguar, por sua vez garantida pela constituição do Estado, que no Artigo 137 do capítulo III, no parágrafo 2º diz que “as escolas públicas de primeiro e segundo grau, incluem entre as disciplinas oferecidas o estudo da cultura norte-rio-grandense, envolvendo noções básicas da literatura, artes-plásticas e folclore do Estado” (RIO GRANDE DO NORTE, 2001, p.106).

As aulas de Língua Portuguesa no ensino fundamental e médio devem, como veículo didático de uma transdisciplinaridade, trabalhar a cultura e a literatura do estado. Contudo, o que é constatado é que o estudo do texto literário norte-rio-grandense tem sido esquecido por muitos profissionais da educação, de forma que grande parte do alunado desconhece nossa riqueza literária.

Vale lembrar que, ao mencionarmos o texto literário, deve-se ressaltar sua abrangência na materialidade do livro, uma vez comportar elementos semióticos vários dignos de leitura que apenas acrescentam na compreensão do todo textual. Nesse sentido, mais um equívoco se constata, uma vez que vem se propagando a concepção de que a leitura dos paratextos é desnecessária, subalterna, muitas vezes esquecida à compreensão da obra. No entanto, aqui podemos constatar o leque de discussões que estes textos podem propor e fomentar em torno da obra paratextualizada.

Acerca dos procedimentos mecanizados da abordagem do texto literário em sala de aula, Lajolo (2000, p. 15) coloca que “o que há, então, para o professor, é um script de autoria alheia para cuja contraposição ele não foi chamado: leitura jogralizada, teste de múltipla escolha, perguntas abertas ou semiabertas, reescrita de textos, resumos comentados”. Assim não podemos, no ensino de literatura, nos restringir a manuais e escritas alheias, é preciso que se busque neste ensino, uma leitura literária abrangente dos grandes nomes do Rio Grande do Norte, homens e mulheres que fizeram parte da nossa história e que devem ter seus lugares garantidos nas aulas de literatura.

## **Conclusões**

Mediante o que foi exposto, sobre Auta de Souza e os paratextos do único e singular livro “Horto”, pode-se perceber que a relação de subalternidade das oitocentistas também se dava em relação à escrita, em que os paratextos, em suas entrelinhas, revelam no não dito a imposição masculina, que nos moldes patriarcais e cristãos difundia a submissão da mulher como virtude divina, posição superada pela poetisa do Rio Grande do Norte, uma vez que extrapola a rotulação sociocultural a ela dirigida e difunde sua escrita com merecida notoriedade graças à posição social de sua família.

Podemos afirmar que os paratextos de Olavo Bilac e Alceu Amoroso Lima deixam transparecer o peso da ótica literária sobre a escrita de Auta de Souza, uma vez que sua irmandade buscou nos dois nomes da literatura brasileira o impulso para divulgação e renome da poetisa potiguar, estes portadores dos princípios patriarcais da época que viam a mulher enquadrada nos limites domésticos.

É visto que prefácios e notas, enquanto parte de paratextos, são leituras essências para a compreensão da obra literária e que o ensino de literatura precisa estar articulado com essas sublimes análises de modo que leve em conta os autores regionais que ocupam preciosos lugares na nossa literatura, uma vez que estes textos fazem parte da memória e da construção da idade do Rio Grande do Norte.



## Referências

AGUIAR, N. A problematização das diferenças de gênero e a antropologia. In: AGUIAR, N., (Org.), **Gênero e ciências humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos tempos, 1997.

BILAC, O. Prefácio à primeira edição. In: SOUZA, A. **Horto**. 4 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p.13-16.

CASCUDO, L. C. **Vida breve de Auta de Souza**: 1876-1901. Recife: Imprensa Oficial, 1961.

FARIAS, G. A. **Auta de Souza**: superando barreiras de gênero e raça no espaço da literatura feminina dos oitocentos. Natal, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364860135\\_ARQUIVO\\_ANPUH2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364860135_ARQUIVO_ANPUH2013.pdf). Acesso em 02/09/2014.

GOMES, A. L. F. **Vida e Obra da poeta potiguar Auta de Souza**. Natal: Observanordeste, internet. 2003.

GURGEL, T. **Introdução à cultura do Rio Grande do Norte**. João Pessoa: Grafset, 2003.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2001.

LIMA, A. A. Prefácio à terceira edição. In: Souza, A. **Horto**. 4. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

LOPES, M. A. Olavo Bilac: **O homem cívico**. 1968.

MUZART, Z. L. **Artimanhas nas entrelinhas**: leitura do paratexto de escritoras do século XIX. Travessia, Santa Catarina, 1990. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17202/0>>. Acesso em: 15/11/2013.

RIO GRANDE DO NORTE. **Constituição do Estado do Rio Grande do Norte**. Edição revisada e atualizada. Natal 2001. Disponível em <http://www.gabinetecivil.rn.gov.br/constituicaoatualizada/originalconstituicaoestadual.pdf>. Acesso em: 03/09/2014.

SUÁREZ, M. A problematização das diferenças de gênero e a antropologia. In: AGUIAR, N., (Org.), **Gênero e ciências humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos tempos, 1997.